



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A HETEROGENEIDADE DO PORTUGUÊS EM MATERIAIS DIDÁTICOS APOSTILADOS DA REDE PARTICULAR: POSIÇÕES DISCURSIVAS

Sonia Renata Rodrigues¹

Resumo: Este trabalho visa a analisar, sob a ótica da Análise de Discurso desenvolvida em torno das ideias de Michel Pêcheux, enunciados linguísticos em circulação em materiais didáticos apostilados, elaborados e publicados pelo Sistema Positivo, destinados ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, em escolas da rede particular de ensino em Mato Grosso. Para tanto, o estudo, além de partir das formações imaginárias, tal como propostas por Michel Pêcheux na obra de 1969 – *Analyse Automatique du Discours* – balizar-se-á por duas das hipóteses propostas, em 1984, por Dominique Maingueneau em *Genèses du Discours*: a primeira (que afirma o primado do interdiscurso sobre o discurso) e a segunda (que trata do interdiscurso como polêmica e da polêmica como interincompreensão).

Palavras-chave: heterogeneidade linguística; ensino de português; posicionamento discursivo.

Abstract: This paper aimed to analyze, from the perspective of Michel Discourse Analysis developed around the ideas of Pêcheux, linguistic utterances in circulation teaching materials, developed and published by the Positive System, for the Portuguese Language Teaching in Primary Education II in particular the network of schools teaching in Mato Grosso. Therefore, the study, as well as from the imaginary formations, as proposed by Pêcheux in the work of 1969 - *Analyse Automatique du Discours* - it will mark out by two of the hypotheses proposed in 1984 by Dominique Maingueneau in *Genesis du Discours*: the first (which affirms the primacy of interdiscourse about the speech) and the second (which deals with the interdiscourse as controversy and polemics as interincomprehension).

Keywords: linguistic diversity; teaching portuguese; discursive positioning.

Introdução

Ao longo da história da produção dos chamados materiais didáticos destinados ao ensino de língua materna na escola, o discurso gramatical hegemônico de que a língua é única, homogênea e invariável dominou absoluto no campo das letras. Entretanto, a partir do advento da sociolinguística variacionista nos anos sessenta, o discurso científico de que toda

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens (IL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) (soniarenata_rodrigues@hotmail.com).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

língua é plural entra em cena criando com o discurso gramatical um verdadeiro espaço de disputas.

É justamente nos materiais didáticos que o embate entre o saber purista e o saber científico se apresenta intenso, já que para compor esse tipo de material os autores precisam seguir as direções governamentais através de leis, diretrizes e orientações do Ministério da Educação. Ocorre que esses documentos oficiais que vêm sendo produzidos desde a década de 1990 se posicionam favoravelmente à ideia da pluralidade linguística e orientam que a língua deve ser entendida como um conjunto de variedades que devem ser respeitadas, restando à norma culta o posto de variedade de prestígio social e não mais a única forma considerada “correta” da língua.

Nossa pesquisa tem como *corpus* enunciados linguísticos em circulação em materiais didáticos apostilados, elaborados e publicados pelo Sistema Positivo, destinados ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, utilizados em escolas da rede particular, e especificamente na cidade de Cuiabá é adotado em uma grande escola particular.

Com o intento de verificar que tipos de posicionamentos discursivos são tomados e difundidos pelas apostilas analisadas no sentido de compreender que educação linguística elas proporcionam aos alunos – uma educação que alimenta o preconceito e a discriminação linguística ou uma educação que acolhe a diversidade linguística como um traço próprio do devir histórico das línguas naturais – partiremos do conceito de formações imaginárias proposto por Michel Pêcheux (1997, p. 85-6), segundo o qual “a percepção é sempre atravessada pelo ‘já ouvido’ e o ‘já dito’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas”, bem como nos valeremos de duas das hipóteses propostas por Dominique Maingueneau (2008): a primeira (que afirma o primado do interdiscurso sobre o discurso) e a segunda (que trata do interdiscurso como polêmica e da polêmica como interincompreensão).

As formações imaginárias e o retorno ao já dito

Em sua obra “Análise Automática do Discurso” (AAD/69), Michel Pêcheux apresenta fundamentos basilares na construção de sua teoria sobre o discurso. Segundo o teórico, um ponto-chave para delimitar o objeto discursivo é entender que o discurso não se reduz ao



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

domínio do texto ou de um ato de fala entendido em um nível puramente comunicacional, ou seja, o processo discursivo ocorre quando um elemento A enuncia a um elemento B, sendo ambos posicionamentos discursivos – e não simplesmente sujeitos idealizados pensados pelas teorias idealistas como sendo a origem do sentido. Ao enunciar a B, A faz uma tomada de posição, e o resultado dessa tomada de posição são os efeitos de sentido, daí que os sentidos não têm como fonte/origem a consciência de A ou B, mas sim a tomada de posição que A faz. Para enunciar a B, a posição discursiva A se vale de formações imaginárias que podem ser entendidas como resultantes de processos discursivos anteriores (uma espécie de arquivo onde se guardam enunciados já ditos).

O sujeito do discurso agora entendido como uma posição discursiva é interpelado pelas formações imaginárias de forma que ele enunciará lançando mão ao já dito, ao já ouvido, ao sempre-já-lá. A permanência do já dito tem como sustentação a ideologia que por sua vez é alimentada pelas práticas sociais historicamente estabelecidas.

Segundo Pêcheux (1969), quando A enuncia a B, e quando B enuncia a A, ambos se valem de formações imaginárias que fazem de si mesmos, de seu lugar e do lugar do outro. Por exemplo, o que chamamos de discurso gramatical pode ser representado pelo lugar A, de modo que essa posição se tornará evidente quando enunciar o “já ouvido”, o “já dito” sobre a ideia de uma língua pura e homogênea. Quanto à posição B, fica evidente que ela somente enunciará o mesmo que A, caso seja interpelada pela mesma ideologia. Nos enunciados que recortamos para a análise ocorre o contrário disso, pois a posição B enuncia de um outro lugar ideológico, o que resultará em uma disputa de poder.

A ideia de que há um posicionamento discursivo na forma de um lugar enunciativo sócio-histórico-ideologicamente marcado onde se diz o que pode e deve ser dito é fundante para a Análise de Discurso de modo que a análise parte desse pressuposto. Ao longo da elaboração de sua teoria, Pêcheux ampliou e aperfeiçoou conceitos basilares à disciplina, tais como, as noções de pré-construído, formação discursiva e interdiscurso.

Na célebre obra *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux apresenta sua clássica definição do caráter material do sentido e sua dependência constitutiva do interdiscurso em duas teses.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A primeira consiste em colocar que o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não “existe em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor).

A ideia de que o sentido não está contido na relação entre significante e significado, ou seja, na autonomia da língua, mas sim, nas formações discursivas que por sua vez estão intrinsecamente ligadas ao “todo complexo com dominante” – o interdiscurso – é constituinte do discurso. No esquema enunciativo proposto por Pêchex (1969) a posição discursiva (A) ao dirigir seu enunciado à posição (B) enunciaria a partir de uma dada formação discursiva, e os enunciados dela extraídos carregam em si a carga ideológica/sentidos através do já-dito, já ouvido, por isso a “interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (Pêcheux, 1995, p. 163). Na segunda tese, o autor propõe que:

Toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com “respeito ao todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p. 162).

As formações discursivas reunidas no interdiscurso são agrupadas e alimentadas pelas leis de subordinação/contradição desse complexo dominante e dispõem do sempre-já-aí na forma do pré-construído, elemento que lhes impõe a realidade e o sentido.

O pré-construído materializa-se na forma de enunciados cristalizados na história e que estão de uma tal maneira arraigados na memória dos sujeitos inscritos na sua respectiva formação discursiva que são reproduzidos por eles com a ilusão de autonomia. Sendo assim, a manutenção e dispersão desses enunciados – na forma de saberes, de práticas, de lutas, etc., e sob a forma materializada de textos, sermões, pinturas, conversas diárias, e quaisquer outras



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

formas de manifestação da língua oral e escrita, verbal e não verbal. etc. – envoltas pelo interdiscurso ocorrem sempre que os sujeitos assumem posições com base em suas formações discursivas.

Esses conceitos acima citados constituem-se em um direcionamento fundamental para análise do nosso *corpus*.

Com base em Maingueneau (2008), mais especificamente no seu postulado sobre o primado do interdiscurso e o processo de polêmica como interincompreensão através da tradução e criação de simulacros, continuaremos a constituir nosso alicerce teórico-metodológico.

Do primado do interdiscurso e da polêmica como interincompreensão

O primeiro passo para compreender o processo de interincompreensão é justamente entender que não se trata de um simples gesto de incompreensão a respeito de algo, como se, por exemplo, um ouvinte A não compreendesse a fala/ideia de um falante B ou ambos não se compreendessem mutuamente etc.

A interincompreensão vai além da incompreensão porque, sendo um processo muito mais complexo para ser descrito, ocorre dentro de um espaço discursivo e envolve duas formações discursivas em relação de oposição ideológica e que disputam um mesmo lugar/poder. Quando interagem, elas não compreendem o enunciado do Outro como tal, e o resultado disso são simulacros, ou seja, representações negativas que um discurso faz de seu oponente a fim de enfraquecê-lo.

A análise do *interdiscurso* pressupõe uma relação fundamentada em princípios dialógicos para os quais a reciprocidade entre os discursos é uma constante, de tal forma que um discurso não subsiste sem um Outro e vice-versa. Nessas relações de constituição e trocas incessantes, vai-se criando uma *rede de interação semântica* entre as formações discursivas. É, pois, nesse momento de interação que os sentidos tornam-se manifestos de acordo com as posições enunciativas envolvidas no espaço regulado de trocas.

Maingueneau (2008) afirma que é necessário recortar subconjuntos – espaços discursivos – a partir do campo discursivo do qual fazem parte, já que analisar um campo seria demasiadamente difícil dada a imensa totalidade de formações discursivas que o



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

circundam. Assim, é o espaço discursivo que se torna analisável. Nele duas formações convivem em situação de mútua constituição e disputam o mesmo espaço e saber, advindo dessa relação a polêmica.

Um espaço discursivo bem delimitado pressupõe a coexistência de um Mesmo e de um Outro que se opõem, constituem-se, delimitam-se, replicam-se etc. Cada uma dessas relações é marcada por uma série de *posições enunciativas* que surgem de ambas as partes, daí a inequívoca constatação de que essas posições enunciarão o que deve e pode ser dito no interior de suas formações discursivas. Ao se defrontarem, os discursos – com o intuito de constituir e preservar sua identidade – são interpretados negativamente, produzindo uma não compreensão mútua no processo de interação.

A análise de tal procedimento discursivo levou Maingueneau (2008, p. 99) ao seguinte postulado: “Quando o espaço discursivo é considerado como rede de interação semântica, ele define um processo de *interincompreensão* generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas” [ênfase do autor].

A interincompreensão significa mais do que uma simples troca de enunciados entre discursos. Trata-se de um processo de interpretação recíproca, em que cada formação discursiva somente “compreenderá” o seu Outro de acordo com as suas próprias regras, traduzindo os gestos de interpretação do Outro como sendo negativos, ameaçadores, incompatíveis com sua própria ideologia. Assim, aos olhos do Outro, uma posição será incompreendida e, quanto maior a oposição, maior a não aceitação recíproca e, conseqüentemente, mais delimitada será a identidade do discurso em relação à ameaça do opositor, pois entender positivamente um Outro seria confluir com ele e, assim, perder a ilusória identidade.

No jogo discursivo, um discurso não interpreta a si mesmo, pois o trabalho de interpretação cabe ao exterior por parte de um outro discurso. Maingueneau (2008, p. 100) declara que esse processo de interpretação, movido pela interincompreensão, “ocorre por meio da *tradução* e do *simulacro*”.

A tradução de que fala o teórico não se confunde com o conceito comum de tradução, como o traduzir de uma língua por outra, por exemplo. No espaço discursivo, um discurso reconhece/enxerga o outro a partir da criação de um simulacro. Maingueneau chama de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

discurso-agente o discurso tradutor e de *discurso-paciente* o discurso traduzido. Esse processo de tradução, no embate entre discursos, beneficiará o primeiro, pois o simulacro é criado com a função de exprimir negativamente o Outro (paciente), a fim de conferir uma identidade positiva ao agente.

Assim, é por meio desse processo de mútua tradução que os discursos preservam-se na ilusão do fechamento semântico. Por estarem cerceados por suas próprias regras, por seus respectivos lugares de dizer, não podem “compreender” os sentidos outros que vão contra a sua própria constituição. Em lugar de uma compreensão positiva do enunciado Outro, uma posição discursiva criará simulacros dele, “para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Esse processo de *interincompreensão* é uma manifestação cabal de que os sentidos, ao contrário do que comumente pensamos, não são imanentes às palavras, mas vêm a ser positivos, negativos, polêmicos, ambíguos etc. no interior das formações discursivas, ao abrigo das quais são produzidos, isto é, ganham “vida” e materializam-se nas atividades languageiras cotidianas.

A interincompreensão (= tradução *versus* simulacro) é um processo operante no nível constituinte das próprias formações discursivas, ou seja, ela é um mecanismo necessário e regular nos processos discursivos, de forma que os sentidos serão estabelecidos de acordo com o tipo de tradução efetuado entre os discursos.

Daí decorre que um mesmo enunciado, por exemplo, poderá ser entendido de diferentes formas, de acordo com as regras de cada formação discursiva envolvida no evento, as quais determinarão que posicionamentos poderão efetuar-se, quais enunciados poderão/serão proferidos. O fator determinante para a *interincompreensão* encontra-se no interior de cada discurso, ou seja, o fechamento semântico encontra-se repartido em dois registros, um positivo outro negativo.

O registro positivo, marcado por aquilo que “pode e deve ser dito”, obviamente é a parte reivindicada pelo discurso Mesmo. Os semas positivos e semas negativos pertencentes a esse registro são os responsáveis pela aceitação dos enunciados associáveis às ideias desse discurso, havendo então uma filtragem positiva. A outra parte, determinada pelo registro negativo, detém semas que rejeitam os enunciados estranhos às ideias do Mesmo, vindos de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

formações discursivas antagônicas. O princípio de heterogeneidade constitutiva é fundamental para a explicação da inextricável amarração de um Mesmo e seu Outro.

Então, podemos depreender que o discurso, como tal, instaura-se em uma situação constante de troca de enunciados. Nessa ininterrupta troca, cada discurso criará simulacros um do outro. Assim, em discursos antagônicos, esses recíprocos simulacros serão malvistas pelos oponentes, pois um discurso Mesmo não se reconhece na forma como é, negativamente, retratado/compreendido pelo Outro, daí o surgimento dos mal-entendidos, dos equívocos criados na interdiscursividade e manifestos por meio da linguagem.

Maingueneau (2008) afirma que o conceito de *polêmica* como *interincompreensão* mantém-se no mesmo patamar de um sistema global, ou seja, apesar de ser comumente entendido como uma forma de conflito perceptível na superfície linguística, marcado por controvérsias explícitas, a polêmica presentifica-se na forma de um “dialogismo constitutivo” (idem, p. 107). Nesse nível, então, tanto uma citação ruidosa/polêmica que um discurso faz do seu Outro, quanto o silêncio calculado, a denegação, que um pode manter em relação ao Outro, são fenômenos de uma mesma face dialógica:

Não se deve concluir, entretanto, que seja preciso distinguir entre formações discursivas que necessitam confrontar-se com suas concorrentes e outras que se desenvolvem isoladamente. Na realidade, se a interdiscursividade é constitutiva, uma tal distinção só poderia ser ilusória: se um discurso parece indiferente à presença de outros, *é porque, semanticamente, lhe é crucial denegar o campo do qual depende e não porque poderia desenvolver-se fora dele* (Maingueneau, 1997, p. 122) [grifo do autor].

Assim, o autor em suas observações teóricas procura não dissociar o superficial do profundo. Os discursos relacionam-se constantemente, imbricam-se sem que haja necessidade de uma forma de citação aparente/mostrada na superfície linguística.

Da análise de um recorte de apostila didática e dos dizeres dos documentos oficiais

A elaboração de um material didático destinado ao ensino de língua materna tem o encargo de seguir as diretrizes e orientações curriculares do Ministério da Educação. Os documentos oficiais que trazem as leis e parâmetros para a educação vêm sendo produzidos desde a década de 1990. Por exemplo: para que seu material didático possa estar no catálogo do Programa Nacional do Livro Didático do governo federal (PNLD), distribuído nas escolas,



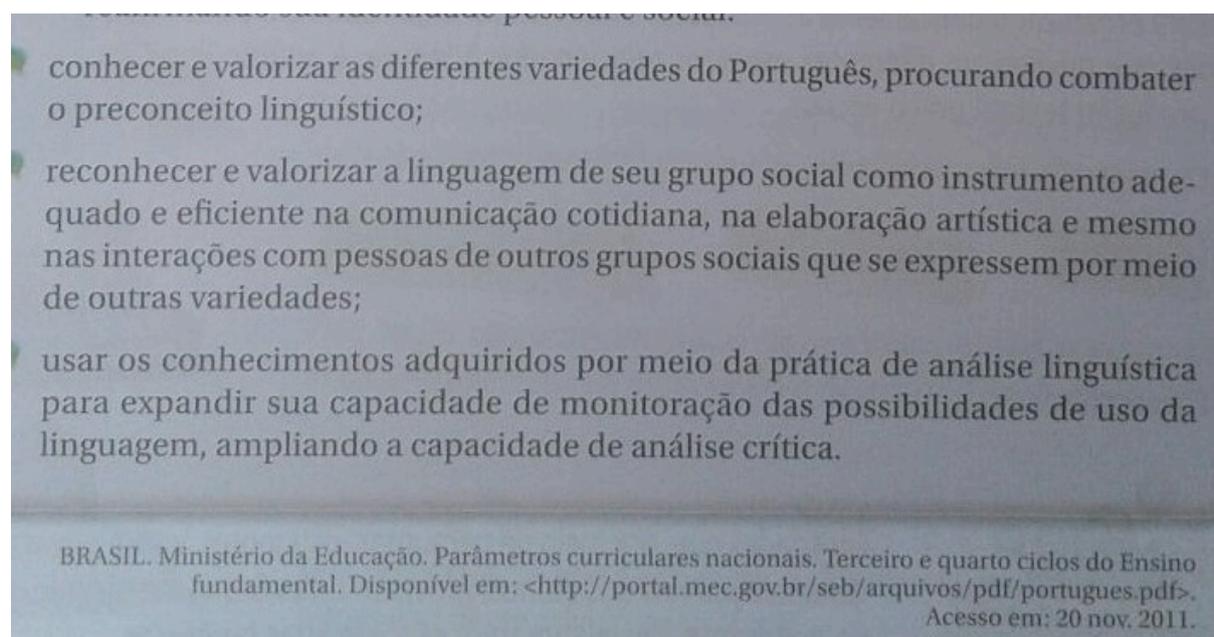
VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

as editoras buscam cumprir à risca as determinações presentes nos documentos oficiais, até porque esse é um dos critérios exigidos pelo governo no processo licitatório. Já os sistemas de ensino que produzem obras para serem consumidas por um público da esfera particular não sofrem a pressão licitatória que impõe critérios para sua participação no PNLD, contudo também procuram seguir as orientações dos documentos oficiais.

O *corpus* que selecionamos para a análise foi recortado de um material apostilado produzido pelo Sistema de Ensino Positivo, destinado ao ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental. A coleção de apostilas encadernadas é destinada aos alunos matriculados em escolas particulares que adotam o Sistema de Ensino Positivo, o qual abrange com seus materiais didáticos desde as séries iniciais ao Ensino Médio.

A apostila que compõe o *corpus* é um volume destinado ao 9º do Ensino Fundamental II. O recorte abaixo foi retirado do livro do professor, parte exclusiva da apostila destinada aos professores. Os manuais elaborados aos professores têm como objetivo principal orientá-los com comentários, dicas, sugestões de atividades e avaliações, bem como trazer respostas dos autores aos exercícios propostos aos alunos. Segue abaixo a imagem do recorte:

Figura 01 – Excerto dos PCNs – Terceiro e quarto ciclo do Ensino fundamental



Fonte: SOARES, 2012, p. 7



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Esse recorte apresenta parte de uma citação que a autora da apostila realiza dos PCNs com o propósito de apresentar aos professores a consonância de sua proposta de ensino de língua materna com os documentos oficiais.

O enunciado “conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico” é bastante nítido quanto à proposta de realizar uma reflexão sobre o tema variedade linguística. Essa reflexão ficaria ao nível de realizar um conhecimento e uma ação de valorizar as variedades, ou seja, apreciar outras formas de uso do Português e não somente a forma padrão, com a finalidade de combater o preconceito linguístico.

A autora didática apresenta esse trecho dos PCNs com o claro propósito de ter esse documento como norteador de seu trabalho, ou seja, dentre as demais orientações que o material se presta a seguir figura a de “conhecer, valorizar as variedades do Português” e “combater o preconceito linguístico”. O ato de *conhecer* pode remeter diretamente ao sinônimo *distinguir*, *reconhecer* que as variedades existem e ser capaz de distingui-las. A ação próxima é a de *valorizar* as variedades, sendo sinônimos adequados *apreciar*, *estimar*, ou seja, não seria apenas um conhecimento com a finalidade de *admitir a existência de*, mas sim conhecer com a finalidade de *valorizar* de forma a tomar um posicionamento positivo em relação às variedades não padrão. A gradação iniciada com o verbo *conhecer* leva ao verbo *valorizar* e avança em algo mais intenso: a possibilidade de *combater* preconceito linguístico, sendo os verbos *condenar* e até mesmo *guerrear* propícios como sinônimos de *combater*.

O enunciado “conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico” é oriundo da formação discursiva da ciência linguística. O conceito de formação discursiva (FD) que empregamos é o utilizado por Maingueneau (2008). Entendemos por formação discursiva da ciência linguística, neste trabalho, discursos respaldados na sociolinguística variacionista, cujo advento deu-se na década de sessenta e para a qual não há, do ponto de vista científico, formas de falar (in)corretas e sim variedades resultantes do fenômeno de flexibilidade natural das línguas, sendo a própria norma padrão uma dentre as demais variedades. *Valorizar* as variedades e *combater* o preconceito linguístico são enunciados exclusivamente produzidos e defendidos pela FD linguística.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Segundo Maingueneau (2008), um espaço discursivo é formado por duas FDs em situação de disputa, sendo que um Mesmo e seu Outro não convivem harmonicamente em um espaço constituído sócio-histórica-ideologicamente, pois sempre estão a disputar o poder.

Chamaremos de discurso gramatical aquele que diretamente polemiza com o discurso linguístico, e sua formação discursiva (FD gramatical) é a responsável pela produção, disseminação e manutenção de enunciados cujas ideias principais giram em torno da defesa de que a língua é apenas uma, incorporada e resguardada pelas regras gramaticais normativas, e a variação seria algo negativo, resultado da falta de escolaridade/conhecimento/domínio do falante sobre as regras de bem dizer e escrever.

Aos olhos da FD linguística, é esse o posicionamento que gera o preconceito linguístico. O termo *preconceito* detém uma carga semântica negativa e significa uma ação de desvalorizar algo apenas com base em juízos de valor sem que haja respaldo científico. Para a FD linguística, o preconceito linguístico deve ser combatido porque resulta de uma crença errônea de que a língua é pura. Traduzir o posicionamento de seu Outro como sendo preconceito infundado é uma forma de simulacro dado a partir do processo de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008).

O que cabe na nossa análise não é a forma e o conteúdo elaborado pela autora da obra didática, mas sim a disputa de dois Sujeitos que existem no nível ideológico do discurso. Quem enuncia que a variedade existe e deve ser valorizada é o Sujeito da FD linguística e para isto se manifesta deixando marcas linguísticas na forma de enunciados regularizados *conhecer/valorizar as variedades* e também construindo simulacros *combater o preconceito*.

A tomada de um posicionamento discursivo se manifesta através de uma materialidade semiótica identificável de forma que a presença do Outro, explícita ou não, está atrelada em uma situação de heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990). Em caso de polêmica com o oponente, a criação de simulacros poderá ser recíproca no espaço discursivo.

No exemplo abaixo encontraremos um caso notável de criação de simulacro:

Figura 02 – Excerto de poema

Meninos carvoeiros

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
— Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um
relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão
de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.
(Pela boca da noite vem uma
velhinha que os recolhe, dobrando-
se com um gemido.)
— Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se
brincásseis!

Responu, 2013 - Digital

Relho: tira de couro torcido, usado para chicotear animais.
Aniagem: tecido ordinário de fibra vegetal (juta, linho cru, etc.), usado para confeccionar fardos e sacos.
Raquíticas: muito magras, pouco desenvolvidas.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 57-58.

a) Explique por que, no texto do poema, aparecem as formas “carvoeiro” e “carvoero”.

A forma “carvoeiro”, com grafia segundo a norma ortográfica, aparece no título e na voz do “eu lírico”; a forma “carvoero”, que remete a uma pronúncia mais descuidada, aparece na voz daqueles que chamam as crianças que vendem carvão.

Fonte: SOARES, 2012, p. 56

Na página 56 da apostila, livro do professor, a autora traz um excerto do poema “Meninos carvoeiros” de Manuel Bandeira e lança alguns questionamentos aos alunos a respeito do texto. A questão (a) solicita que o aluno explique o motivo de no texto aparecerem as formas “carvoeiro” e “carvoero”. Na resposta (em azul) elaborada para o professor a fim de mostrar-lhe como seria uma resposta conveniente/esperada a ser dada pelo aluno, a autora



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

explica ao professor que a pronúncia “carvoero” resulta de “uma pronúncia mais descuidada” derivada da forma culta “carvoeiro”. Sinônimos admissíveis para o adjetivo “descuidado” seriam: relapso, negligente, incauto, imprudente, desatencioso. Ou seja, a pronúncia “cavoero” é tida pela autora como resultado de descuido em não pronunciar de acordo com o padrão. Caso fosse explicada do ponto de vista da ciência linguística, a pronúncia “carvoero” remete ao fenômeno chamado monotongação – fenômeno linguístico por meio do qual os ditongos sofrem um processo de apagamento da semivogal, isto é, reduzem-se a simples vogais. Contudo, o enunciado “pronúncia mais descuidada” é feito a partir da FD gramatical que compreende qualquer variante que não seja da vertente padrão como negativo. A compreensão negativa apareceu na materialidade linguística através de um simulacro “descuidada”.

A variante não padrão presente no poema é conhecida pelo Sujeito que se posiciona a partir da FD gramatical, mas não é reconhecida, tampouco é valorizada, e o preconceito linguístico além de não ser combatido é sutilmente manifesto.

Enquanto a FD linguística cria simulacros escancarados de seu Outro, a FD gramatical cria simulacros mais sutis em resposta. Isso poderia ser explicado porque o discurso gramatical é bastante monitorado em obras didáticas por conta do forte viés da FD linguística nos documentos oficiais. De acordo com Maingueneau (2008), a polêmica como interincompreensão não se trata de um simples mal entendido ou de uma arenga passageira, mas sim de um processo discursivo fundante em que um discurso está ao mesmo tempo ligado e oposto ao seu Outro como um lado e seu avesso.

Considerações finais

Os documentos oficiais que pautam o Ensino Fundamental buscam significar a língua, em sua dimensão sociocomunicativa ou interacional, como um sistema heterogêneo e variável, interpretando, assim, a norma padrão como uma norma dentre as várias normas, sem desconsiderar, entretanto, que se trata da variedade de maior prestígio em virtude de seu enraizamento sócio-histórico-ideológico.

A voz oficial, ao enunciar a respeito desse tema, é bastante influenciada pelo discurso linguístico, mas não ousa, não quer e/ou não pode dizer ainda que a variante padrão deve ser



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

tratada de igual para igual com as outras no currículo escolar: se ela não é mais a única “certa”, é a de “maior prestígio”. Por isso, deve ter lugar garantido na escola, mas não exclusividade.

Presenciamos, assim, um verdadeiro malabarismo para não desagradar nem gregos e nem troianos. Enfim, a posição oficial é uma posição seduzida pelo discurso linguístico, mas ainda atormentada pelos fantasmas do discurso gramatical que não deixam de assombrar o cenário do ensino de língua materna, com o beneplácito dos espíritos ortodoxos que agem tanto na esfera escolar como na praça pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. (Org.). *O discurso e suas análises*. Cad. Est. Ling. Campinas, n.19 p. 1-179, jul./dez. 1990.

MAINGUENEAU, D. (1984) *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Novas tendências em Análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. (1969) Análise automática do discurso (AAD-69). In GADET, F. e HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61-105.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995, p. 143-185.